

CONSTRUÇÕES APLICATIVAS EM LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS

Victor Luiz da Silveira¹

RESUMO: Neste trabalho são descritas ocorrências de construções aplicativas em línguas indígenas brasileiras de quatro famílias distintas: Tupi-Guarani, Arawá, Jê e Pano. Os dados observados são secundários e foram utilizados para a abordagem de duas propostas tipológicas de base formalista bem descritas na literatura linguística. O objetivo deste trabalho consistiu em oferecer um quadro geral sobre as construções aplicativas e observar como elas se manifestam nas Línguas Indígenas Brasileiras.

Palavras-chave: Línguas Indígenas Brasileiras; morfemas aplicativos; núcleos funcionais.

Applicative constructions in Brazilian Indigenous Languages

ABSTRACT: In this work, we describe the occurrence of applicative constructions in Brazilian Indigenous Languages (families: Tupi-Guarani, Arawá, Ge and Panoan). The observed data are secondary, and they were used to approach two typological concepts based on formalism. The aim of this study is to provide a general framework on applicative constructions and to observe how they appear in Brazilian Indigenous Languages.

Keywords: Brazilian Indigenous Languages; applicatives morphemes; functional heads.

1. INTRODUÇÃO

No presente trabalho, buscamos descrever as ocorrências de construções aplicativas em línguas indígenas brasileiras, abordando, através de dados secundários, duas propostas tipológicas de base formalista bem descritas na literatura linguística.

Uma proposta é a de Baker, que separa as línguas em simétricas e assimétricas. Nesta, as construções aplicativas seriam classificadas como igualmente simétricas ou assimétricas, fazendo parte, assim, de um conjunto maior de características (parâmetros) que separariam as línguas naturais nesses dois grupos. A outra é a de Pykkänen que, fundamentada na Morfologia Distribuída (MARANTZ, 1997), identifica as construções aplicativas como altas ou baixas, consoante à posição que o núcleo aplicativo ocupa na estrutura verbal. Esta

¹ Doutor em Linguística. Professor do Curso de Letras do UNIABEU. RJ, Brasil.
victorluiz.silveira@hotmail.com

proposta não separaria as línguas naturais em grupos tipológicos distintos, uma vez que a mesma língua pode apresentar os dois tipos de construções aplicativas.

Não se verificam muitas pesquisas em línguas indígenas brasileiras que se ocupem de uma descrição mais rica da morfologia e da sintaxe de construções aplicativas. O estudo desse fenômeno linguístico se faz necessário para a ampliação do conhecimento acerca dos núcleos funcionais e de sua importância no licenciamento de argumentos.

2 CONSTRUÇÕES APLICATIVAS

De acordo com Jeong (2006), uma construção aplicativa consiste naquela em que o verbo exibe um morfema específico que licencia um objeto direto que, de outro modo, não seria considerado parte da estrutura argumental do predicado.

Marantz (1993, p. 119 *apud* JEONG, 2006) usa o termo aplicativo no estudo de línguas Bantu para se referir a uma flexão verbal adicional que licencia um objeto afetado na estrutura do verbo, conforme ilustram os exemplos da língua Chaga abaixo (BRESNAN e MOSHI, 1990, p. 149):

- (1) a. N ó ä ó ï ó lyì ó à k ó élyá
 FOC ó 1SUB ó PR ó comer ó FV 7 ó comida
 -Ele / ela está comendo comidaø
- b. N ó ä ó ï ó lyì ó í ó à **m ó kà** k ó élyá
 FOC ó 1SUB ó PR ó comer ó APPL ó FV 1 ó esposa 7 ó comida
 -Ele está comendo comida para a esposa deleø
- c. N ó ä ó ï ó zrìc ó í ó à **m ó bùyà**
 FOC ó 1SUB ó PR ó correr ó APPL ó FV 9 ó amigo
 -Ele está correndo por um amigoø²

Como podemos observar nos exemplos de Chaga, se o verbo é transitivo, como em (1a), o marcador aplicativo pode produzir uma construção com duplo objeto e, se o verbo é intransitivo, como em (1c), o morfema aplicativo o transforma em transitivo.

Segundo a pesquisadora, o termo aplicativo pode também ser usado para designar um objeto que precede o objeto direto em línguas como o inglês, em uma estrutura cujo verbo sequer exibe um morfema aplicativo aparente. Marantz (*id.*) propõe que construções de duplo

objeto no inglês e construções com argumentos afetados dativos possuem um morfema aplicativo abstrato no verbo:

- (2) a. I read a letter. (∓Eu leio uma carta∅)
 b. I read a letter to Mary (∓Eu leio uma carta para Maria∅)
 c. I read Mary a letter (∓Eu leio [para] Maria uma carta∅)

Em (2c) o verbo se combina com o morfema aplicativo \emptyset para licenciar o objeto no papel de benefactivo: *Mary*.

Jeong (2006) ainda aponta que os argumentos aplicativos podem ser associados com os seguintes papéis temáticos: benefactivo, instrumento, malefactivo, alvo, locativo e fonte / origem.

3 A PROPOSTA TIPOLOGICA DE BAKER PARA AS CONSTRUÇÕES APLICATIVAS

Para Baker (1988), as aplicativos podem ser assimétricas ou simétricas. Essa simetria se expressa por especificidades sintáticas que as línguas possuem quanto ao comportamento dos objetos em relação à concordância verbal e à possibilidade de passivização. No tipo simétrico os dois objetos – o direto e o aplicativo – são sintaticamente ativados.

Entende-se por aplicativos assimétricas aquelas que se caracterizam por um comportamento assimétrico entre o objeto direto e o objeto aplicativo, o qual é o único que exhibe propriedades verdadeiras de objeto.

O Chichewa (família Bantu) é uma língua cujas construções aplicativos são do tipo assimétrico. No dado abaixo (MARANTZ, 1993, p. 27 *apud* JEONG, 2006), percebe-se que a concordância do verbo se estabelece com o objeto aplicativo e não com o objeto direto:

- | | | | | | | | | | | | | | | |
|--------|---|-----|---|-----|---|--------------------------|---|---------|---|-----------|---|----|---------------------------|---------------------------|
| (3) a. | Chitsiru | chi | ó | na | ó | <i>wa</i> _(i) | ó | gul | ó | <i>ir</i> | ó | a | <i>pro</i> _(i) | mpatso
gift |
| | tolo | SP | ó | PST | ó | OP | ó | comprar | ó | APPL | ó | FV | | |
| | ∓O tolo (lhes) comprou um presente∅ | | | | | | | | | | | | | |
| b. | *Chitsiru | chi | ó | na | ó | <i>i</i> _(i) | ó | gul | ó | <i>ir</i> | ó | a | atsikana
garotas | <i>pro</i> _(i) |
| | tolo | SP | ó | PST | ó | OP | ó | comprar | ó | APPL | ó | FV | | |
| | ∓O tolo comprou (para) as garotas (o presente)∅ | | | | | | | | | | | | | |

Outra língua com aplicativas assimétricas é o inglês. Nesta, apenas o objeto aplicativo pode ser passivizado (4):

- (4) a. I baked John a cake. (¬Eu assei [para o] John um bolo \emptyset)
 b. John was baked a cake. (¬[para o] John foi assado um bolo \emptyset)
 c. *A cake was baked John. (¬Um bolo foi assado [para o] John \emptyset)

O Kinyarwanda (família Bantu) é um exemplo de língua que exibe aplicativas simétricas. Como mostram os dados de Kimenyi (1980 *apud* JEONG, 2006), o argumento aplicativo pode ser adicionado a um predicado transitivo ou intransitivo:

- (5) a. Umugóre a ó rá ó som ó er ó a **umuhuûngu** igitabo
 mulher SP ó PR ó ler ó APPL ó ASP menino livro
 ¬A mulher está lendo um livro para o menino \emptyset
- b. Umugabo a ó rá ó som ó er ó a **umugóre.**
 homem SP ó PR ó ler ó APPL ó ASP mulher
 ¬O homem está lendo para a mulher \emptyset

Em Chaga, outra língua desse tipo, a forma passiva da sentença aplicativa permite que tanto o objeto direto quanto o objeto aplicativo sejam alçados para a posição de sujeito (BRESNAN e MOSHI, 1990, p.51 *apud* JEONG, 2006):

- (6) a. N ó ä ó ï ó lyì ó í ó à *m ó ka* k ó élyá
 FOC ó 1SUB ó PR ó comer ó APPL ó FV **1 ó esposa** 7 ó comida
 ¬Ele está comendo comida para a esposa dele \emptyset
- b. K ó ely k ó i ó lyi ó i ó o *m ó ka* *t*
 7 ó comida 7SUB ó PR ó comer ó APPL ó PASS 1 ó esposa
 ¬A comida está sendo comida para a esposa \emptyset
- c. M ó ka n ó a ó i ó lyi ó i ó o *t* k ó elya
 1 ó esposa FOC ó 1SUB ó PR ó eat ó APPL ó PASS 7 ó food
 ¬A esposa está tendo a comida comida para ela \emptyset

4 A PROPOSTA TIPOLOGICA DE PYLKKÄNEN PARA AS CONSTRUÇÕES APLICATIVAS

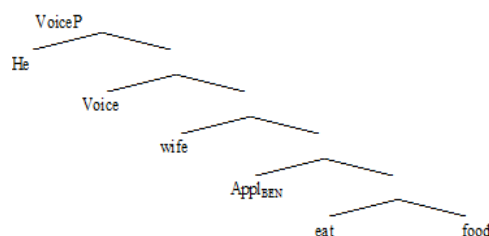
Conforme Pylkkänen (2000 a, b), embora as construções aplicativas aparentem ter significados similares entre as línguas, elas diferem entre si quanto à sintaxe. Este é o caso do

Chaga e do Inglês. Em Chaga, o núcleo aplicativo relaciona um indivíduo a um evento descrito pelo VP, como ilustra o dado em (1), ao passo que, em Inglês, esse núcleo relaciona um indivíduo ao objeto direto, conforme ilustra o exemplo (4b). Por essa razão, a autora propõe que existem dois tipos diferentes de núcleos aplicativos: os altos e os baixos.

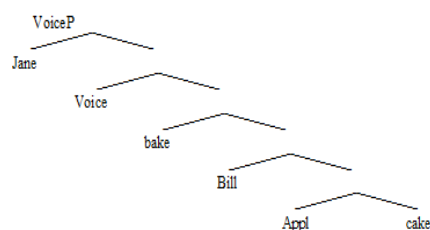
A fim de esclarecer essa distinção, a autora descreve esses núcleos funcionais à luz da teoria da Morfologia Distribuída (MARANTZ, 1997), segundo a qual tanto a formação das palavras quanto a formação da estrutura argumental dos predicados ocorrem através de computações sintáticas. De acordo com essa teoria, os verbos são constituídos de uma raiz lexical, de um morfema categorizador (vezinho) e de um núcleo funcional, dentre os quais se inclui o núcleo aplicativo, que exibe a propriedade de introduzir um objeto extra na sentença em que aparece.

Os núcleos aplicativos altos envolvem uma relação entre um evento e um indivíduo, como no caso do Chaga. Já os núcleos aplicativos baixos denotam uma relação entre dois indivíduos, como no caso do Inglês. Em (7) estão representados ambos os núcleos na estrutura arbórea (PYLKKÄNEN, 2000 a, b):

(7) a. Chaga ô núcleo aplicativo alto (He is eating food for his wife)



b. Inglês ô núcleo aplicativo baixo (Jane baked Bill a cake)



Núcleos aplicativos baixos modificam o objeto direto e semanticamente envolvem a ideia de transferência de posse, sendo que esta pode ser em duas direções, tipificando, assim, duas aplicativos baixas diferentes: a aplicativo baixa que denota uma relação do tipo *to-the-possession-of* e a aplicativo baixa que denota uma relação do tipo *from-the-possession-of*.

A aplicativa baixa do inglês é do tipo *to-the-possession-of* ou *to-applicative* (PYLKKÄNEN, 2000 b):

- (8) Bill sent John a letter (∓Bill enviou [a] John uma carta∅)
(= to John, a letter)

Em (8) podemos perceber que existe um evento de envio em que *Bill* é o agente e o tema do evento é a *carta* cujo receptor *John* receberá. Entretanto, não nos fica claro se *John* toma posse da carta. Nos termos de Pylkkänen, ãa carta pode ser ∓para a posse de John∅sem realmente nunca chegar a John∅ (2000 b, p. 409)

O Finlandês, além de apresentar *to-applicative* como o Inglês, pode apresentar o outro tipo de aplicativa baixa, que expressa a relação *from-the-possession-of* ou *from-applicative*, que implica posse (2000 b, p. 408):

- (9) Eetu otti Liisa-lta avaimet.
Eetu.NOM tomou Liisa-de POSS chaves.ACC
∓Eetu tomou as chaves de Liisa∅(= tomou as chaves da posse de Liisa)

Em (9) percebemos que existe o evento de tomada em que *Eetu* é o agente e o tema do evento são *as chaves* que antes eram da posse de *Liisa*. Segundo a autora, em aplicativas desse tipo, é preciso que o argumento aplicado tenha sido o possuidor do objeto direto antes do evento descrito pelo verbo.

Pylkkänen associa as aplicativas altas às aplicativas simétricas e as aplicativas baixas às aplicativas assimétricas, segundo a tipologia de Baker.

Passamos agora para a descrição das construções aplicativas em línguas indígenas brasileiras.

5 As construções aplicativas em línguas indígenas brasileiras

5.1 As construções aplicativas em Paumarí (família Arawá)

Vieira (2006) descreve construções aplicativas em dados do Paumarí obtidos a partir dos trabalhos de Chapman (1978, 1981) e de Chapman e Derbyshire (1991). Além disso, a autora propõe uma classificação dos morfemas aplicativos, segundo a tipologia de Pylkkänen. De acordo com Vieira, existem nessa língua quatro morfemas aplicativos diferentes:

(i) **ka-**: prefixo que se agrega a verbos intransitivos licenciando um objeto direto (2006, p. 128):

- (10) a. o-asara-hi
1sg.-chorar-modo
-Eu choreiø
- b. o-**ka**-asara-há **ada** **isai**
1sg.-apl.-chorar-modo dems/masc. criança
-Eu chorei (pe)lo meninoø

(ii) **ó-a**: morfema que se prende a um grupo especial de verbos intransitivos, formados pela combinação de um nome com o auxiliar **ni**. Tal grupo se integra pelos seguintes verbos: trabalhar, conversar, escutar, boiar, excitar, partir, olhar, chupar, dentre outros (2006, p. 128):

- (11) Vara o-ni-na
Conversa 1sg.-aux.-int./masc
-Eu converseiø
- (12) Vara **ho-ra** ni-**a**-hi ida kodi-isai
Conversa me-obj. aux.-apl.-modo./fem. dems./fem. minha criança
-A minha criança conversou comigoø

No exemplo (12), o objeto òcomigoø é licenciado pelo aplicativo **ó-a**.

(iii) **va-** / **vi-** : morfemas que licenciam objetos com papéis temáticos de locativo, alvo, comitativo e instrumento (2006, pp. 129-130):

- (13) a. o-adara-hi
1sg.-viajar-modo
-Eu viajeiø
- b. o-**va**-adaraha-há ada isai
1sg.-apl.-viajar-modo/masc. dems. criança
-Eu viajei com a criançaø

Neste último caso, verifica-se primeiro a mudança do verbo transitivo para intransitivo, a fim de que este receba o morfema aplicativo e então licencie um argumento instrumento (2006, pp.129, 130):

- (14) a. Mamai-a bi-soko-ki hida makari sabão-a

- mamãe-erg. 3ª sg.-lavar-modo dems/fem. roupa sabão-obl.
 -Mamãe lavou a roupa com sabãoø
- b. soko-a-ki hida mamai sabão-a
 lavar-int.-modo dems./fem. mamãe sabão-obl.
 -Mamãe está lavando com sabãoø
- c. Mamai-a bi-vi-soko-a-vini ida sabão
 mamãe-erg. 3ª sg.-apl.-lavar-int.-tran. dems./fem. sabão
 -Mamãe lavou (com) sabãoø

Note-se que em Paumarí, o objeto direto pode ocorrer precedido pelo demonstrativo ativo como em (14c) nas estruturas ergativas, ou seguido pelo sufixo **óra** nas estruturas acusativas, como em (12).

(iii) **Ka-...-hi**: morfema descontínuo que se agrega tanto a verbos transitivos quanto a verbos transitivizados, licenciando um objeto aplicativo com papel temático de benefactivo (2006, pp. 129, 130):

- (15) a. koko-a bi-rakhai-ki hida siroi
 tio-erg. 3ª sg.-plantar-modo dems/fem campo
 -Titio plantou o campoø
- b. **ho-ra ka-rakhaja-hi**-vini hi-ni ida siroi
 me-obj. **apl.**-plantar-**apl.**-trans. aux.-fem. dems./fem. campo
 -Ele plantou o campo para mimø

Segundo Vieira, o aplicativo **-a**, na tipologia de Pylkkänen, seria classificado como aplicativo alto, uma vez que ocorre com uma classe de verbos que a autora considera como inergativa. O morfema **va-** / **vi-** também seria um aplicativo alto, já que ocorre com verbos intransitivos derivados de transitivos, os quais também são considerados por Vieira como inergativos. O mesmo se pode considerar para o morfema **ka-**, que só ocorre em estruturas intransitivas (inergativas).

Por estar associado a um objeto aplicativo benefactivo em construções bitransitivas, o morfema descontínuo **ka-...-hi** pode ser considerado como baixo.

5.2 As construções aplicativos em Guarani e Tupinambá (família Tupi-Guarani)

Vieira (2010) descreve construções aplicativas em dados do Guarani e do Tupinambá. A autora argumenta que o morfema **-ro** em línguas da família Tupi-Guarani consiste em um afixo aplicativo, porque, quando ocorre, licencia um objeto direto, como ilustram os dados de ambas as línguas abaixo:

(16) Guarani

a. Ava o-ke **mitã reve**
 homem 3-dormir criança com
 ∃O homem dormiu com a criança∅

b. Ava o(gwe)-**ro-ke mitã**
 homem 3-APL.-dormir criança
 ∃O homem dormiu (com) a criança∅

(2010, p.152)

(17) Tupinambá

a. a-**ro-pytá ygara**
 1sg-APL-ficar canoa
 ∃Eu parei (com) a canoa∅

b. a-**ro-ker aoba**
 1sg-APLdormir roupa
 ∃Eu durmo (com) a roupa∅

(LEMOS BARBOSA, p. 196 *apud* VIEIRA, 2010, p. 153)

Para que **-ro** co-ocorra com verbos transitivos nessas línguas é necessário que estes sejam antes intransitivizados. No caso do Tupinambá, antes de receber o afixo **óro**, o verbo se intransitiviza através da incorporação do objeto direto, conforme ilustra o dado abaixo (LEMOS BARBOSA, p. 199 *apud* VIEIRA, 2010, p. 153):

(18) a. ere-î-epîak ybák
 2sg-3-ver céu
 ∃Você viu o céu?∅

b. ere-**ro-ybák-epîak-pe mitanga?**
 2sg.-APL.-céu-ver-inter. criança
 ∃Você viu o céu (com) a criança?∅

Segundo Vieira, o aplicativo **-ro**, introdutor de objetos com papel temático comitativo e fonte, consiste em um aplicativo alto na tipologia de Pylkkänen.

A autora defende que não se observam construções com núcleos aplicativos baixos fonologicamente realizados em línguas da família Tupi-Guarani. Contudo, ela propõe que

para construções com alçamento de possuidor existe um morfema aplicativo nulo que licencia um objeto extra. Note-se que, nesses casos, o argumento com papel de possuidor se torna um benefactivo quando o elemento possuído é incorporado ao verbo.

(19) Tupinambá

- a. a-î-monhanag **xe r-uba kó**
 1sg.-3-fazer 1sg poss rel.-pai roça para
 -Eu faço a roça do meu paiø
- b. a-î-kó-monhang **xe r-uba**
 1sg.-3-roça-fazer 1sg poss rel.-pai
 -Eu faço a roça a (de) meu paiø (LEMONS BARBOSA, p. 207 *apud* VIEIRA, 2010, p. 156)

Em (19a), o sintagma ãmeu paiø tem interpretação de possuidor. Em (41b), tal sintagma é interpretado como benefactivo. Há, então, a transferência de posse: ãa roça para meu paiø.

(20) Guarani

- a. Xee a-joi **avañi py**
 Eu 1sg-lavar menino pé
 -Eu lavei o pé do meninoø
- b. Xee a-py-joi **avañi**
 Eu 1sg-pé-lavar menino
 -Eu lavei o pé do meninoø(= -Eu lavei o pé em benefício do meninoø) (2010, p. 157)

5.3 As construções aplicativas em Panará (família Jê)

Segundo Baker (1988 *apud* DOURADO 2002), construções aplicativas são aquelas que apenas ocorrem com verbos transitivos e que têm a propriedade especial de ter dois objetos: o básico, isto é, o objeto direto original, e o aplicativo, que é um NP destituído da adposição quando esta se incorpora.

A língua Panará (família Jê, tronco Macro-Jê) apresenta incorporação da posposição ao verbo transitivo ou intransitivo (DOURADO, 2002, p. 204):

- (21) a. mara h Ø ó ti ó Ø ó k - moto tsukahamãy **pe**

ele ERG REAL.TR ó 3sg.ERG ó 3sg.ABS ó **quebrar** barco Txukahamãe **MAL**
 -Ele quebrou o barco em detrimento do Txukahamãe.∅(malefactivo)

b. mara h Ø ó ti ó Ø ó **pe ó k** - moto tsukahamãy
 ele ERG REAL.TR ó 3sg.ERG ó 3sg.ABS ó **MAL ó quebrar** barco Txukahamãe
 -Ele quebrou o barco em detrimento do Txukahamãe.∅(malefactivo)

Nos dados em (21) podemos perceber que o falante do Panará dispõe de duas formas para construir um enunciado envolvendo um objeto malefactivo: (i) mantendo a posposição em sua posição original (21a), ou (ii) promovendo a incorporação da mesma ao verbo, gerando, desse modo uma sentença aplicativa (21b).

Entretanto, a autora aponta que existem posposições que jamais ocorrem incorporadas, como o caso da posposição ablativa **pe**, homófona da posposição malefactiva **pe** citada no exemplo acima. Podemos observar em (22b) que a incorporação da posposição em questão gera agramaticalidade (*id.*, p. 204):

(22) a. piara yi ó ra ó **po** hati **pe**
 homens.ABS REAL.INTR ó 3pl.ABS ó **chegar** mato **ABL**
 -Os homens chegaram do mato.∅

b. * piara yi ó **pe** ó ra ó **po** hati
 homens.ABS REAL.INTR ó **ABL** ó 3pl.ABS ó **chegar** mato
 -Os homens chegaram do mato.∅

As construções aplicativas em Panará podem ocorrer com verbos cujo sujeito é ergativo (verbos transitivos) e com verbos cujo sujeito é absolutivo (verbos intransitivos). Dourado agrupa as aplicativas da língua em três tipos fundamentais:

(i) tipo I ó verbos com sujeito ergativo que subcategorizam NP objeto e PP (2002, p. 209):

(23) mara h Ø ó ti ó a ó **pe ó piri** sōsesua **ka**
 ele ERG REAL.TR ó 3sg.ERG ó 2sg.ABS ó **MAL ó pegar** anzol você
 -ele pegou o anzol em teu detrimento.∅

Uma evidência que prova que o sintagma posposicional (PP) é argumento interno do verbo é a presença do clítico absolutivo **a** (2sg.ABS) afixado ao verbo, concordando com o objeto da posposição (**ka** = -você∅).

De acordo com Baker (1988), ãa incorporação da posposição dispara a concordância do verbo com o objeto da posposição que passa a adquirir propriedades de objeto estruturalö (*apud* DOURADO, 2002, p. 214).

(ii) tipo II ó verbos com sujeito ergativo que subcategorizam PP (2002:210):

(24) a. ka h Ø ó ka ó ra ó **p aseri** pr ara h w
 você ERG REAL.TR ó 2sg.ERG ó 3pl.ABS ó **brigar** crianças INSTR
 -você brigou com as crianças.ø

b. ka h Ø ó ka ó ra ó **h w ó p aseri** pr ara
 você ERG REAL.TR ó 2sg.ERG ó 3pl.ABS ó INSTR ó **brigar** crianças
 -você brigou com as crianças.ø

(iii) tipo III ó verbos com sujeito absolutivo que subcategorizam PP (2002, p. 210):

(25) kam ra yi ó ra ó **h w ó ria ó te** ky kri tã
 vocês.ABS REAL.TR ó 1sg.ABS ó IC ó 2pl.ABS ó **ir** eu aldeia ALA
 -vocês foram comigo (me conduziram) para a aldeia.ø

A incorporação da posposição pode estar, ainda, associada a uma cópia em sua posição de origem (2002, p. 205):

(26) mara h Ø ó ti ó Ø ó **pe ó k -** moto **tsukahamãy pe**
 ele ERG REAL.TR ó 3s.ERG ó 3s.ABS ó **MAL ó quebrar** barco Txukahamãe MAL
 -Ele quebrou o barco em detrimento do Txukahamãe.ø

Para a autora, construções desse tipo são reinterpretadas pelos falantes como não aplicativas. Além disso, ela argumenta que esse tipo de construção sugere que a posposição e o verbo hospedeiro podem ser analisados no componente fonológico como uma palavra, o que não acarretaria problemas de linearização da sentença contendo a posposição incorporada concomitante a sua cópia foneticamente realizada.

Conforme a autora, em Panará o aplicativo não parece adicionar um argumento interno novo à estrutura argumental do verbo, apenas modifica o estatuto dos sintagmas (adjuntos ou argumentos), tornando-os objetos diretos.

No que tange à tipologia de Pylkkänen, pode-se sugerir que o Panará apresenta tanto núcleos aplicativos altos quanto aplicativos baixos.

5.4 As construções aplicativas em Caxinauá e em Matis (família Pano)

Em Caxinauá, a presença do morfema aplicativo *óxun* em verbos trivalentes aumenta a valência verbal, transformando-o em um verbo quadriactancial. O verbo, ao invés de dois, passa a ter três objetos, de acordo com Camargo (2005, p. 74):

- (27) a. huni ó **n** ainbu ó \emptyset nami ó \emptyset inan ó a ó ki
 homem ó X mulher ó W carne ó Y dar ó EST ó ass
 -O homem dá carne para a mulher \emptyset
- b. huni ó n ainbu ó \emptyset nami ó \emptyset inan ó **xun** ó a ó ki
 homem ó X mulher ó W_(i) carne ó Y dar ó aplic_(j) ó EST ó ass
 -O homem dá carne para a mulher (que a dará para alguém de sua família) \emptyset

Segundo Camargo, a leitura da construção aplicativa pode ter um sentido cultural em Caxinauá. A interpretação se dá da seguinte forma: X dá Y a W que por sua vez transmitirá Y a uma pessoa de seu relacionamento \hat{o} mãe, pai, filho ou cônjuge. Com o verbo *inan* (dar), o aplicativo *óxun* remete a um argumento verbal lexicalmente ausente na construção:

- (28) ea ó n(ó dan), e ó **n** mi ó **a** nami ó \emptyset inan ó xun ó ai
 1sg ó X(ó TOP), 1sg ó X 2sg ó W carne-Y dar ó apl - proc
 -eu, eu dou carne para você dar para alguém da tua família \emptyset

Outro emprego desse morfema aparece com o verbo *pi* (comer) (2005, p. 78):

- (29) madia ó n takada ó \emptyset , alísia ó \emptyset pi ó **ma** ó xun ó mis ó ki
 madia ó gen galinha ó W, alísia ó X comer ó fac ó apl ó hab ó ass
 -Galinha da Maria, a Alícia sempre lhe dá de comer \emptyset

Ferreira (2005), ao estudar o Matis, percebeu que esta língua possui morfemas que se afixam a verbos em construções com objeto benefactivo (- **un**) e malefactivo (-**kuan**), como ilustram os dados a seguir (pp. 103, 104):

(30) - un: benefactivo

- a. Rogeru-n dadawa-te **ibi** bed - **un** -bo -
 Rogério-erg. escrever-instr.nzr 1sg.abs. comprar-benef.-pass.n.rec.-3.exp.
 -O Rogério comprou caderno para mim. \emptyset

b. *inbi mibi kodoka- un-nu*
 1sg.erg. 2sg.abs. cozinhar-benef.-des.
 -Eu (quero) cozinhar para você.∅

(31) -kuan: malefactivo

a. *kamun-in Bini-∅ awad-∅ ak-kuan-a-*
 onça -erg. Bini-abs. anta-abs. matar-malef.-pas.rec.-3.exp.
 -A onça matou a anta do Bina (a anta que ele ia pegar).∅

b. *nawa-n Rogeru-∅ computador-∅ onpo-kuan-a-*
 não-índio-erg. Rogério -abs. computador-abs. Roubar-malef.-pass.rec.-3.exp.
 -O branco roubou o computador do Rogério (computador que ia trabalhar).∅

De acordo com o autor, o morfema - un é um aplicativo que em alguns casos funciona como transitivizador de verbos intransitivos, como no exemplo (30b). Além disso, esse morfema pode aumentar a valência de um verbo transitivo, tornando-o, assim, bitransitivo, conforme ilustram os demais exemplos (2005, p. 95):

(32) a. *Iba-n inawad-∅ datonkete-∅ mene-a-*
 Iba-erg. inawad -abs. camisa -abs dar-pass.rec.-3.exp.
 -O Iba comprou a camisa para inawad.∅

b. *Binin-in datonkete-∅ mitso-∅ bed- un -bo-*
 1sg.erg.-erg. camisa -abs. 2pl.dat.-abs. dar-benef.-pass.n.rec.-3
 -Eu peguei as camisas para vocês.∅

Ferreira argumenta que com verbos bitransitivos como **mene-** (dar), não existe ordem fixa, não obstante o benefactivo ocorra próximo ao verbo. Contudo, o pesquisador ressalta que em verbos com o sufixo - un, que licencia dois objetos, o benefactivo não ocorre próximo ao verbo (2005, p. 243):

(33) *Mena-n piskaden-∅ ibi mene-bonda-*
 Mená-erg. colar-abs. 1sg.abs. dar-pass.dist.-3.exp.
 -O Mená me deu um colar.∅

(34) *Tupa-n mibi witsun-∅ e- un-e-k*
 Tupa-erg. 2sg.abs. pulseira-abs. fazer-benef.-n.pass.-decl.
 -A Tupa faz pulseira para você.∅

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi oferecer um quadro geral sobre as construções aplicativas e observar como elas se manifestam nas Línguas Indígenas Brasileiras.

Através de Vieira (2007 e 2010), vimos que nas línguas brasileiras existem morfemas aplicativos diferenciados que se enquadram na tipologia de Pylkkänen em termos semânticos. Uns podem ser caracterizados como aplicativos altos, porque relacionam um indivíduo a um evento. Este é o caso do comitativo **óro** das línguas da família Tupi-Guarani e de **va-** / **vi-** da língua Paumarí (família Arawá). Outros podem ser caracterizados como aplicativos baixos, porque denotam transferência de posse do objeto original para o objeto aplicativo, conforme se observa nas estruturas com ascensão de possuidor em Tupinambá e nas construções com **ka-...-hi** do Paumarí.

Nas outras línguas brasileiras, como no Panará, verificou-se que os morfemas aplicativos se combinam com qualquer tipo de verbo, o que os classifica como altos. Nos casos em que se afixam a verbos transitivos, possuindo uma leitura ou de transferência de posse ou de subtração de posse, tais morfemas são classificados como baixos. Na leitura de subtração de posse, o objeto aplicativo tem interpretação de malefativo.

Existe uma diferença entre as aplicativas do Panará e as aplicativas das demais línguas brasileiras observadas. Em Panará, o aplicativo é homófono às posposições, o que não se verifica nas demais línguas. Seria o morfema aplicativo a manifestação de uma adposição livre ou afixal incorporada em todos os casos? Para nós, como hipótese inicial, o morfema aplicativo é um tipo de **vezinho** que em algumas línguas assume a mesma forma que a adposição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKER, Mark. *Incorporation*. Chicago: Chicago University Press, 1988.
- BRESNAN, Joan; MOSHI, Lioba. Object asymmetries in comparative Bantu syntax. *Linguistic Inquiry* 21, 1990, pp. 147-185.
- _____. Object Asymmetries in Comparative Bantu Syntax. In: MCHOMBO, Sam A. (ed). *Theoretical Aspects of Bantu Grammar 1*. CSLI Publications, Stanford, CA, 1993, pp. 50-93.
- CAMARGO, Eliane. Manifestações da ergatividade em Caxinauá (Pano). *LIAMES* 5, pp. 55-86, Primavera 2005.
- CHAPMAN, S. *Paumarí derivational affixes*. Brasília: SIL, ms., 1978.
- _____. *Gramática Pedagógica do Paumarí*. Brasília: SIL, ms., 1981.
- CHAPMAN, S; DERBYSHIRE, D.C. Paumarí. In: DERBYSHIRE, D.C; PULLUM, G. K. (eds.). *Handbook of Amazonian languages*. Berlin: Mouton de Gruyter, pp. 161-352, 1991.
- DOURADO, Luciana. Construções aplicativas em Panará. *D.E.L.T.A.*, 18:2, 2002, pp. 203-231.

FERREIRA, Rogério Vicente. *Língua Matis (Pano): uma descrição gramatical*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, São Paulo: 2005.

JEONG, Youngmi. *The landscape of applicatives*. Doctoral dissertation. University of Maryland, 2006.

KIMENYI, Alexandre. *A Relational Grammar of Kinyarwanda*. Berkeley: University of California Press, 1980.

LEMOS BARBOSA, Pe. *Curso de Tupi Antigo*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956.

MARANTZ, Alec. Implications of asymmetries in double object constructions. In: *Theoretical aspects of Bantu grammar*, ed. S. Mchombo, pp. 113-150. Stanford, Calif.: CSLI, 1993.

_____. No scape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. In: DIMITRIADIS, A.; SIEGEL, L. *et al.* (Ed.). *University Working Papers in Linguistics*, v. 4, n. 2, 1997.

MCGINNIS, Martha.. Variation in the syntax of applicatives. In: *Linguistics Variation Yearbook #1*, 2001, pp. 105-146.

PYLKKÄNEN, Liina. What applicatives head apply to? *Proceedings of the 24th Annual Penn Linguistics Colloquium*. U. Penn Working Papers in Linguistics, Volume 6.4, 2000. (a)

_____. Deriving adversity. *WCCFL 19 Proceedings*, ed. Billerey and Lillehaugen. Somerville, MA: Cascadilla Press, 2000, pp. 399-410. (b)

_____. *Introducing Arguments*. 2002. 72f Tese (PhD em Linguística.) ó Departamento de Linguística e Filosofia do Massachusetts, Institute of Technology: Cambridge, 2002.

VIEIRA, Márcia Maria Damaso. Os núcleos aplicativos em Paumarí (família Arawá). *Estudos da Língua(gem)*. Vitória da Conquista, v. 4, n. 2, dezembro de 2006, pp. 117-136.

_____. Os núcleos aplicativos e as línguas indígenas brasileiras. *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, jan./jun. 2010, pp. 141-164.

Recebido em 7 de setembro de 2013.

Aprovado em 27 de outubro de 2013.